

SOBRE O EXÍLIO INTERIOR DE VICENTE ALEIXANDRE¹

EL EXILIO INTERIOR DE VICENTE ALEIXANDRE

Janaína de Azevedo Baladão²

Ruben Daniel Méndez Castiglioni³

Resumo: Este artigo se propõe a estudar o exílio interior do poeta espanhol Vicente Aleixandre. Marcadamente, de uma maneira ampla, o exílio interior refere-se ao período iniciado na Guerra Civil espanhola, que se seguiu durante o governo franquista. Gómez Bravo (2014) destaca o período de repressão como uma forma de controle e de perseguição, pelo qual grande parte da população que não conseguiu sair do país passou. De uma maneira particular, a Vicente Aleixandre, poeta já conhecido e premiado, não lhe foi permitido sair do país. Ele se instalou em uma parte escondida da casa da família em Miraflores e, nessa reclusão, produziu boa parte de sua obra. A partir de estudos de Duque Amusco (2014), Rojas Sánchez (2005) y Concha Zardoya (1987), somados às entrevistas, cartas e poemas de Aleixandre, buscamos traçar esse período de vida e criação do poeta.

Palavras-chave: Exílio interior. Vicente Aleixandre. Espanha. Poesia.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo estudiar el exilio interior del poeta español Vicente Aleixandre. En un sentido amplio, el exilio interior se refiere al período que comienza con la Guerra Civil Española y que continuó durante el gobierno franquista. Gómez Bravo (2014) destaca el período de represión como forma de control y persecución, que atravesó gran parte de la población que no pudo salir del país. De manera particular, a Vicente Aleixandre, poeta ya conocido y premiado, no se le permitió la salida del país. Se instaló en un lugar escondido de la casa familiar en Miraflores y, en esa reclusión, produjo gran parte de su obra. A partir de estudios de Duque Amusco (2014), Rojas Sánchez (2005) y Concha Zardoya (1987), que se suman a las entrevistas, cartas y los poemas de Aleixandre, buscamos rastrear este período de la vida y la creación del poeta.

Palabras clave: Exílio interior. Vicente Aleixandre. España. Poesía.

Em país estranho, no meu próprio país.

Louis Aragon

Considerações iniciais

São inúmeros exemplos registrados sobre o exílio. Durante a leitura de *Odisseia*, acompanhamos os passos de Odisseu após a queda de Tróia. De fato, depois de muitas peripécias, caminhos tortuosos, passagens negadas pelos deuses, ele retorna à pátria, mas a sua maior aventura, pelo olhar de Kristeva (1994), é a viagem de retorno a si mesmo. É em *As suplicantes*, de Ésquilo, que temos notícia de cinquenta filhas de Dânao que fogem do Egito e chegam a Argos, terra da ancestral Io, em busca de asilo e proteção. Dizem elas: “Exilamo-nos, não porque a cidade nos tivesse condenado a ser banidas por termos derramado sangue, mas porque, na nossa repugnância instintiva pelo homem, recusamos com horror as nossas bodas com os filhos de Egito e os seus ímpios desejos” (ÉSKUÍLO, 1975, p. 17). A

¹ Este texto tem por base e amplia o Prefácio de Castiglioni, R. D. à tradução da obra de Vicente Aleixandre *A destruição ou o amor*.

² Doutora em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Projeto de pesquisa: Narrativas Sensíveis e Outras Histórias. PUCRS.

³ Doutor em Letras. PPG Letras UFRGS e Depto. de Línguas Modernas. Projeto de pesquisa: As aventuras dos surrealistas nas Américas (CNPq) UFRGS.

cidade acolhe a súplica, mas, como lembra Kristeva (1994, p. 54): “Grato por essa acolhida, nem por isso Dânao perde a consciência de que suas filhas estão longe de serem integradas à cidade [...]”.

Escritas entre os anos 12 e 16 da era cristã, as *Cartas pônticas* fazem parte do período em que seu autor, Ovídio, foi relegado ao desterro, em Tomos, às margens do rio Negro, por motivos até hoje não de todo modo esclarecidos. Especula-se que Ovídio tenha sido punido pelo Imperador Augusto pela liberalidade com a qual escrevia suas obras, principalmente as de cunho amoroso e erótico, em uma época em que a austeridade moral se fortificava em todo o Império Romano. Por esse mesmo viés, talvez Ovídio tivesse cometido algum erro imperdoável, como o favorecimento de algum escândalo na corte romana, como explica Geraldo José Albino (2009), na introdução à edição das *Cartas pônticas*. O fato é que as cartas, em seu conjunto, quer seja explícito ou não, sempre revelam um ponto central a atingir: o perdão do Imperador. Nas cartas, Ovídio conclama a mitologia e a elevação da retórica em suas elegias para adentrar e tentar fazer novamente parte do cenário romano, garantindo a lembrança de seu nome. Muitas vezes se excede em elogios aos seus destinatários e em louvores e adulações ao Imperador e aos deuses, o que parece proporcionar um caráter, por vezes, “fingido” e, de certa forma, despreocupado, ao discurso. Entretanto, a melancolia e os sintomas depressivos que subjazem em suas atitudes aparentemente tranquilas são referidos em vários momentos. Em carta à esposa, diz:

Já o declínio da idade me salpica de cãs e já as rugas senis sulcam-me o rosto; já o vigor e as forças me languescem no deteriorado corpo e os jogos que me divertiam na mocidade não me agradam mais. Se me visses a súbitas, não conseguirias reconhecer-me, tão grande é a ruína operada em minha vida. Estas são as consequências da idade, reconheço-o, porém há ainda outra causa: a ansiedade da alma e o sofrimento incessante. Se se repartissem meus infortúnios por um grande número de anos, crê-me, seria mais velho que Nestor de Pilos. [...] a mim todos me abandonaram em meu exílio. (OVÍDIO, 2009, p.19-20)

O caso de Ovídio é diferente das danaides e de Odisseu: a ele fora proibido veementemente o retorno. As contradições e súplicas de Ovídio não foram atendidas. O chamado do poeta irá repercutir para uma nova plateia, curiosamente, muito distante de sua época.

O exílio, o desterro, o autoexílio e o exílio interior são acontecimentos intrínsecos da nossa história. Os casos são incontáveis: José Martí, Leon Trotsky, Hannah Arendt, Milan Kundera, entre muitos outros nomes, formam parte dessa lista. Uma grande parte da intelectualidade latino-americana viveu, em algum momento, um “autoexílio”, ou um exílio voluntário, como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa

e Isabel Allende. Vargas Llosa há muito não vive no Peru. Sua posição em relação a essa escolha foi poder observar com distanciamento o seu país, como bem podemos ver na entrevista a Günter W. Lorenz (1973, p.154), publicada posteriormente em *Diálogo com a América*: “[...] um escritor não pode servir melhor a seu país e a seus compatriotas senão escrevendo sobre eles com a maior exatidão e sinceridade”. Esse é um motivo que se desdobra. Isabel Allende (2004), que vive há muitos anos nos Estados Unidos, em *Mi país inventado*, tece constantemente duras críticas ao país que nasceu, e afirma que o Chile é um país imerso na hipocrisia.

Mas e quando o exílio é interior? Quando não há propriamente um deslocamento?

Esse é o caso de Vicente Aleixandre, tema deste artigo. De acordo com os dados do biógrafo Leopoldo de Luis (1978), Vicente Pío Marcelino Cirilo Aleixandre y Merlo, ou simplesmente, Vicente Aleixandre, nasceu em Sevilha, no dia 26 de abril de 1898, ano em que também nasceram outros dois grandes poetas espanhóis: Federico García Lorca e Dámaso Alonso. Para se ter uma ideia inicial do autor, basta dizer que obteve, em 1933, o importante Prêmio Nacional de Literatura da Espanha por sua obra *La destrucción o el amor*, o prêmio da Crítica, de 1963, pelo livro *En un vasto dominio*, e também o mesmo prêmio seis anos depois pela obra *Poemas de la consumación*. Pertenceu à Real Academia Espanhola, tendo ocupado a cadeira “O” desde 1950. Por suas contribuições à literatura, a Academia Sueca lhe outorgou o Prêmio Nobel de 1977. Em entrevista, sobre o Prêmio, disse:

A chegada do Prêmio Nobel significou, num primeiro momento, uma surpresa quase material porque eu tinha lido na imprensa que o Prêmio seria entregue no dia seguinte, que havia alguns escritores favoritos e o meu nome não estava entre eles [...]. O [...] Prêmio Nobel, num sentido profundo, pode-se dizer que é para mim como um símbolo da resposta dos demais homens. O poeta está sempre fazendo uma pergunta [...]. O Prêmio Nobel, com sua grandeza, é a resposta simbólica de um mundo completo de leitores. (ALEIXANDRE, 2023a, tradução nossa)⁴

É comum que a crítica literária classifique a obra de Vicente Aleixandre em etapas ou perspectivas a partir de seu primeiro livro, *Ámbito* (1928), no qual estaria presente a poesia clássica do Século de Ouro espanhol, e inclusive ecos do espanholíssimo ultraísmo. Já *Espadas como labios* (1932), *La destrucción o el amor* (1934), *Sombra del paraíso* (1934) e *Pasión de la tierra* (1935) seriam obras em que se percebe a influência do surrealismo e de seus precursores, com uma estética irracionalista, próxima da escritura automática,

⁴ No original: “El Premio Nobel en cuanto a su llegada significó en un primer término una sorpresa casi material porque yo había leído en la prensa que el Premio se daba al día siguiente, que había unos favoritos escritores y no estaba mi nombre entre ellos [...]. El [...] Premio Nobel, en un sentido profundo, podríamos decir que es para mí como un símbolo de la respuesta de los demás hombres. El poeta está siempre formulando una pregunta [...]. El Premio Nobel, con su grandeza, es la respuesta simbólica de un mundo completo de lectores”.

possivelmente com um automatismo ou abandono vigiado – termos do poeta português Alexandre O'Neill. Na poesia de Vicente Aleixandre confluem, entre outros temas, obviamente, a crítica à sociedade e suas convenções e a força do amor como destruidor dos grilhões convencionais.

Historia del corazón (1954) e *En un vasto dominio* (1962) são obras nas quais o poeta contempla as peripécias da vida humana, dedicando-se a tratar da vida do ser humano comum, de seus sofrimentos e esperanças de maneira solidária. Já *Poemas de la consumación* (1968) e *Diálogos del conocimiento* (1974) estão marcados por um certo retorno à poesia inicial, e a essas duas produções devemos acrescentar seu livro póstumo, *En gran noche*, seus últimos poemas, publicados em 1991.

A Geração da Primeira Ditadura (1927)

Por terem nascido em datas próximas, sob circunstâncias culturais e sociais semelhantes e por terem uma formação parecida, certos autores manifestam características comuns. Assim é definida uma geração de escritores, a Geração de 27, termo que surge a partir do século XXI – e que é, como se sabe, uma classificação polêmica. Parece impróprio denominar Geração de 27 a uma série de poetas e escritores, esquecendo narradores, dramaturgos e ensaístas. Por outro lado, uma nova Geração não acaba com a anterior nem evita a nova que está se formando, já que a sucessão de gerações, grupos, movimentos ou escolas é uma demonstração da capacidade de renovação das artes, como bem diz María Platas (2004).

Caso aceitemos a denominação de Geração, poderíamos dizer que Vicente Aleixandre pertence à chamada Geração de 27, ou Geração da Primeira Ditadura, que se reunia no Ateneu de Sevilha para comemorar o terceiro centenário da morte do poeta e dramaturgo Luis de Góngora. Segundo o estudo de Platas (2004), os integrantes, além do nosso poeta, eram, entre outros, figuras da importância de Federico García Lorca, Gerardo Diego, Dámaso Alonso, Rafael Alberti, Luis Cernuda, Emilio Prados e Manuel Altolaguirre, também conhecidos como Grupo de 27, Poetas catedráticos, Geração da amizade e Geração vanguardista. Todos eles colaboraram nas mesmas revistas e criaram entre si uma profunda consciência de grupo. As vanguardas os uniram e delas se apropriaram com ânsias de renovação e inovação, cultuando, também, a negação do sentimentalismo, o afã estético e a metáfora alucinante. Contudo, o que de universal tinha o vanguardismo não fez com que o apego aos clássicos e ao popular fosse ignorado, e assim, alternaram o tradicional com o novo, chegando a praticar o

neopopularismo (Alberti e Lorca), o classicismo (quase todos), o futurismo (Salinas e Alberti) e o criacionismo (Gerardo Diego); outros escreveram sobre suas preocupações existenciais, e alguns como Alberti, Lorca, Cernuda e Aleixandre, praticaram o surrealismo. Após o assassinato de Federico García Lorca, poetas como Max Aub, Guillen, Alberti, Altolaguirre e Cernuda fazem poemas de muita dor e lamento (PLATAS, 2004).

Vicente Aleixandre, poeta surrealista

Vicente Aleixandre afirmou diversas vezes que não era surrealista. Provavelmente se incomodava com essa classificação. Podemos seguir seu raciocínio no prólogo à seleção do livro *Mis poemas mejores*, de 1956, edição coordenada por Dámaso Alonso. No texto, o poeta alterna terceira e primeira pessoa do singular para referir-se a si próprio e à construção de *Pasión de la tierra*, obra que, segundo ele, foi escrita após inúmeras leituras de textos de Freud. Há em suas palavras uma descrição da busca da liberdade de escrita, e um profundo interesse pelo destino humano, como preconiza o *Manifesto Surrealista* assinado por Breton (2001). Vejamos:

[...] pode-se dizer, com mais energia, que seu estilo é um estilo em movimento. A evolução continuada, sem saltos, mostrará em tais casos, a unidade principal, reconhecível em cada momento. Talvez o vestígio daquele que aqui assina não estaria muito longe da obediência a uma lei semelhante. Sua poesia, desde a sua origem, tem sido, de certo modo (e existem tantos modos de fazer referência a uma poesia!), uma aspiração à luz. Um mínimo de idoneidade no serviço exigiria à escrita – hoje talvez seja visível – a coerente transposição de fidelidade. *Ámbito*, o primeiro livro, nascia dentro de um clima, de certa maneira, tradicional [...]. *Pasión de la tierra*, o segundo livro, de poemas em prosa, supôs uma ruptura, a única violenta, não apenas em relação ao livro anterior, mas também ao mundo cristalizado de uma parte da poesia da época. Algo destoava com essa ruptura – sangue, queria o poeta. Uma massa em ebulição se oferecia. Um mundo de movimentos quase subterrâneos, onde os elementos subconscientes serviam à visão do caos original ali contemplado, e à voz telúrica do homem elementar que, imerso, se debatia. É o meu livro mais próximo do suprarrealismo, ainda que já tivesse escrito que nunca me senti um poeta suprarrealista, porque não acreditei no estritamente onírico, na escrita automática, nem na conseguinte abolição da consciência artística. (ALEXANDRE, 1956, p. 10-1, tradução nossa)⁵

⁵ No original: “[...] puede decirse, con más energía, que su estilo es un estilo en movimiento. La evolución continuada, sin saltos, mostrará en tales casos la unidad presidente, en cada momento reconocible. Quizá la traza del que aquí firma no estaría muy alejada de la obediencia a una ley semejante. Su poesía, desde su origen, ha sido, en cierto modo, (¡y hay tantos modos de referirse a una poesía!), una aspiración a la luz. Un mínimo de idoneidad en el servicio exigiría a la escritura –hoy quizá puede verse– la coherente transposición de fidelidad. ‘Ámbito’, el primer libro, nació dentro de un clima en cierta manera tradicional [...]. ‘Pasión de la tierra’, el libro segundo, de poemas en prosa, supuso una ruptura, la única violenta, no solo con el libro anterior, sino con el mundo cristalizado de una parte de la poesía de la época. Algo saltaba con esta ruptura –sangre quería el poeta–. Una masa en ebullición se ofrecía. Un mundo de movimientos casi subterráneos, donde los elementos subconscientes servían a la visión del caos original allí contemplado y a la voz telúrica del hombre elemental que, inmerso, se debatía. Es el libro mío más próximo al suprarrealismo, aunque quien lo escribiera no se haya sentido nunca poeta suprarrealista, porque no ha creído en lo estrictamente onírico, la escritura ‘automática’, ni en la consiguiente abolición de la conciencia artística”.

Não é difícil de encontrar em seu epistolário menções ao “suprarrealismo”⁶. Em carta a Gregorio Prieto, datada em 1933, diz: “Me pergunta se eu escrevo. Como não? [...] Gostaria de mandar para você meu último poema. Se não fosse um pouco longo, o copiaria [...]. Tenho quase certeza de que você iria gostar. Definitivamente, é “suprarrealista”, saindo desse lugar profundo onde se fundem as raízes humanas do poeta” (ALEIXANDRE, 2020, *e-book*, tradução nossa).⁷ Podemos buscar mais vestígios: em 1970, foi lançada a *Poesía superrealista: antología*, pela Barral Editores, de Barcelona. Além do mais, o poeta e grande pesquisador Ángel Pariente (2002) organizou uma antologia de poesia surrealista em espanhol, publicada em 1985, e não hesitou em colocar o nome de Vicente Aleixandre. Em seu estudo, registra também que poetas chilenos tentaram incluir *Pasión de la tierra* em um projeto de antologia surrealista que naufragou em seu intento. *Pasión de la tierra* foi escrito entre 1928 e 1929, como aponta a própria capa do livro, antes mesmo da Guerra Civil espanhola e do que investigamos aqui como o exílio interior do poeta. Mas não deixa de chamar a atenção para o deslocamento do olhar do poeta, que se torna mais livre. Há um movimento de mudança em sua poesia, na qual o amor, a liberdade e o maravilhoso enfrentam dogmas da sociedade. Talvez esse período tenha ajudado o poeta a manter-se vivo intelectual e criativamente nos anos que se seguiram.

Entre outras possibilidades de exemplo, transcrevemos abaixo a primeira estrofe do poema “Ansiedade para o dia”. Em seu início desiderativo, vamos acompanhando o desejo do eu-lírico, que não se intimida diante de imagens fulgurantes e oníricas. Nesse poema em prosa aleixandrino, a natureza vai tomando espaço:

Esta consciência do vasto ar ocupa o seu devido lugar, o seu centímetro sobre meu peito alerta. O campo está vencido e, se eu canto, não conseguirei terminar minha canção que se move debaixo d’água. Um peixe dormindo em seu colo não consegue sorrir, por mais que a imagem já perdida deslize sobre sua língua fria. Quem poderia encontrar aquela areia doce, aquela única pepita de ouro que caiu do meu silêncio [...], quando apoiei os cotovelos em duas telas oscilantes que escondiam o meu destino. Uma bota perdida no caminho não reza loucamente, não teme a chuva que afoga suas mágoas. [...] Nada como acariciar [...] uma dificuldade que não seja de carne, que não pressinta a nuvem de metal, que concentra a eletricidade que nos falta. É por isso que é bom encontrar um navio. Para remar, para perder a lista das coisas, de modo que de repente nos falte um dedo de uma mão e não o reconheçamos no bico de uma gaiivota. [...] Ser capaz de dizer que não sou, mesmo que tente. [...] Posso ter um luxo, o da superfície, o desta bolha, o daquele espinho,

⁶ Cabe mencionar que “suprarrealismo”, “superrealismo”, e termos relacionados como “suprarrealista”, referem-se ao movimento literário e artístico capitaneado por André Breton.

⁷ No original: “Me preguntas si escribo. ¿Cómo no? [...] Me gustaría mandarte mi último poema. Si no fuera un poco demasiado largo te lo copiaría [...]. Estoy casi seguro de que te gustaría, Desde luego, suprarrealista, saliendo de ese fondo donde se hunden las raíces humanas del poeta”.

parece mentira, que vem remando, que não encontra a carne que lhe está destinada. Estou perdido no oceano. [...] (ALEIXANDRE, 1960, p. 200, tradução nossa)⁸

Vicente Aleixandre, sem dúvida, foi um grande poeta. Não é o objetivo deste texto filiá-lo ao movimento surrealista, mas comentar sua produção e sobre as características de parte dela para que possamos pensar o exílio interior. Também, e por que não, dizer que sim, que ele foi um poeta surrealista porque escolheu os caminhos da poesia, da liberdade e do amor.

Esses pressupostos aparecem em sua obra. Vicente Aleixandre (1960, p. 506, tradução nossa),⁹ em *Sombra del paraíso*, escreveu que os poetas são “Anjos desterrados/ de sua origem celeste”. Também registrou: “Sim, poeta: o amor e a dor são teu reino./ Carne mortal é a tua, que arrebatada pelo espírito,/ arde na noite ou se eleva no meio-dia poderoso./ imensa língua profética que lambendo os céus/ ilumina palavras que dão morte ao homem” (ALEIXANDRE, 1960, p. 464, tradução nossa).¹⁰ Concha Zardoza (1987, p. 113, tradução nossa)¹¹ traz as palavras do poeta nos *Cuadernos Hispanoamericanos*: “Nasci para a luz, o amor, a liberdade, e da minha sombra escura, surtos de iluminação que deslumbram meu coração me dão a consciência desse imóvel desterro [...]”. E essa poesia, como bem atribui Ponge (1991), em seu livro *O surrealismo*, vibra os acordes da iluminação, da sensibilidade, da paixão, da expressão lírica, do senso do humor, da dialética, da analogia, do não conformismo, do conhecimento imediato e sensível, da capacidade de crítica, da contestação radical. Nessa afirmação não estamos sós: Max Aub (1974), no seu fabuloso *Manual de historia de la literatura española*, ensina que essa Geração na qual se inclui Aleixandre, teve na Espanha sólidas influências francesas, mas que não foram todas as escolas literárias que ultrapassaram a fronteira. A marca mais importante foi dada por André Breton, Louis Aragon

⁸ No original: “Esta conciencia del aire extenso ocupa su sitio justo, su centímetro sobre mi pecho alerta. El campo está vencido y si canto no podré rematar mi canción que se mueve bajo el agua. Un pez dormido en el regazo no puede sonreír, por más que se deslía sobre su lengua fría la imagen ya perdida. Quién pudiera encontrar aquella dulce arena, aquella sola pepita de oro que me cayó de mi silencio [...], cuando apoyaba mis codos sobre los lienzos vacilantes que me ocultaban mi destino. Una bota perdida en el camino no reza en desvarío, no teme a la lluvia que anegue sus pesares. [...] Nada como acariciar [...] una dificultad que no sea de carne, que no presienta la nube de metal, la que concentra la electricidad que nos falta. Por eso es bueno encontrar un navío. Para boga, para perder la lista de las cosas, para que de pronto nos falte el dedo de una mano y no lo reconozcamos en el pico de una gaviota. [...] Poder decir no soy aunque me empeñe. [...] Puedo tener un lujo, el de la superficie, el de esta burbuja, el de aquella espina, parece mentira, que viene bogando, que no encuentra la carne que le está destinada. Estoy perdido en el océano [...]”.

⁹ No original: “Ángeles desterrados/ de su celeste origen”.

¹⁰ No original: “Sí, poeta: el amor y el dolor son tu reino./ Carne mortal la tuya, que arrebatada, por el espíritu,/ arde en la noche o se eleva en el mediodía poderoso./ inmensa lengua profética que lamiendo los cielos/ ilumina palabras que dan muerte a los hombres”.

¹¹ No original: “Nací para la luz, la libertad, y desde mi oscura sombra, ramalazos de iluminación que deslumbran mi corazón me dan la conciencia de ese inmóvil destierro [...]”.

e Philippe Soupault por meio da revista *Littérature* e, depois, pelo surrealismo. Aub (1974, p. 503-4) ainda diz que “[...] o irracional foi exaltado como encruzilhada de todos os caminhos, enquanto o contrário foi considerado hendecassílabo indesejável”. Uma excelente definição da poesia de Vicente Aleixandre estaria relacionada às palavras de Breton (2001, p. 153-4) quando afirma no “Segundo Manifesto”, de 1930:

Tudo leva a crer que existe um certo ponto do espírito de onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incommunicável, o alto e o baixo deixam de ser percebidos como coisas contraditórias. Ora, seria falso atribuir à atividade surrealista qualquer motivação que não fosse a esperança de determinar esse ponto.

Aub (1974, p. 517) diz mais: Vicente Aleixandre é o único poeta surrealista, e como tal, mesmo parecendo mentira, numa época tão dura como a que lhe tocou viver, veio a representar, para a maioria dos poetas vivos da Espanha, uma lição de dignidade e esperança.

O certo é que, como bem afirmou o poeta português Mário Cesariny (1967, p. 237), este sim autodeclarado surrealista, em *A intervenção surrealista*, ao se referir ao surrealismo e a pertencer ou não ao movimento ou filosofia surrealista: “Pode-se ser surrealista sem ter lido Breton. Pode-se ler Breton e não se ser surrealista. [...] Nunca nos propusemos a repetir num tempo e num espaço ‘nossos’ a teoria do surrealismo nascente, a não ser na medida em que nascíamos nele”. Exatamente, como não pertencer a sua época? Mas vamos deixar de lado o tema de Vicente Aleixandre ser ou não ser um poeta surrealista (o que não é essencial, mas aponta um caminho) para ver sua trajetória.

Sobre sua infância, adolescência e poesia

Por questões relacionadas ao trabalho de seu pai, e quando tinha apenas dois anos de idade, sua família se afastou de Sevilha, onde Vicente Aleixandre tinha nascido, passando a morar em Málaga. A cidade é evocada em versos de *Sombra del paraíso*:

Cidade do paraíso

À minha cidade de Málaga

Sempre meus olhos te enxergam, cidade de meus dias marinhos.

[...]

Ali fui levado por uma mão materna.

Acaso de uma grade florida uma guitarra triste

cantava a súbita canção pairando no tempo;

quieta a noite, mais quieto o amante,

sob a lua eterna que instantânea transcorre.

[...]

Por aquela mão materna fui levado ligeiro

Pelas tuas ruas flutuantes. Pé nu de dia.

Pé nu de noite. Lua grande. Sol puro.
Ali o céu eras tu, cidade que nele moravas. (ALEIXANDRE, 1989, p. 212-3,
tradução nossa)¹²

Málaga também é recordada em *Historias del corazón*, obra em que há uma seção inteira do *olhar infantil*. Ao falar dessa época, o poeta lembra sua vocação de poeta “marinho”, de suas lembranças brincando nos trapiches com seu irmão menor, que falecera ainda pequeno. Há tristeza nos versos que seguem:

A criança morreu (Acalanto na selva)

Quem sofre? Passei rapidamente.
[...]
O amuleto; o lamento; a mãe canta. Canta
muito docemente. A criancinha chora.

Cheira a sândalo triste. Mão que balança uma criança.
Canta. Quem sonha?

O longo lamento não cessa. Dura mais do que a vida. (ALEIXANDRE, 1960, p. 711,
tradução nossa)¹³

Neste livro encontramos mais poemas que se referem a experiências de sua infância e que vislumbravam, de alguma maneira, seu futuro na Espanha franquista:

A criança estranha

Aquela criança tinha manias estranhas.
Sempre brincávamos que ele era um general
que fuzilava todos seus prisioneiros
[...]
Inventou brincadeiras dos bondes,
e eu era a criança em que as rodas passavam por cima. (ALEIXANDRE, 1960, p.
750, tradução nossa)¹⁴

Já adolescente, aos 18 anos, passava suas férias de verão em Navas do Marqués (província de Ávila, em Castela e Leão) quando conheceu Dámaso Alonso, um jovem de sua idade, com quem tinha afinidade de leituras e com quem dialogou sobre elas. Curiosos, queriam saber se o outro tinha lido Valle-Inclán, Azorín, e falavam de poesia. Vicente

¹² No original: “**Ciudad del paraíso**. *A mi ciudad de Málaga*. Siempre te ven mis ojos, ciudad de mis días marinos./ Allí fui conducido por una mano materna./ Acaso de una reja florida una guitarra triste/ cantaba la súbita canción suspendida en el tiempo;/ quieta la noche, más quieto el amante,/ bajo la luna eterna que instantánea transcurre./ [...] Por aquella mano materna fui llevado ligero/ por tus calles ingravidas. Pie desnudo en el día./ Píe desnudo en la noche. Luna grande. Sol puro./ Allí el cielo eras tú, ciudad que en él morabas”.

¹³ No original: “**El niño murió (Nana en la selva)**. ¿Quién sufre? Pasé de prisa./ [...] El amuleto; el lamento; la madre canta. Canta/ muy dulcemente. El niño llora/ Huele a sândalo triste. Mano que mece a un niño./ Canta. ¿Quién sueña?”.

¹⁴ No original: “**El niño raro**. Aquel niño tenía extrañas manías./ Siempre jugábamos a que él era un general/ que fusilaba a todos sus prisioneros./ [...] Inventó el juego de los tranvías,/ y yo era el niño a quien pasaban por encima las ruedas”.

Aleixandre falou com a maior sinceridade do mundo que não se importava com a poesia. O diálogo, que é de 1917, fez com que o amigo lhe emprestasse uma antologia de Rubén Darío, que havia falecido recentemente (MAGRO, 2023). Até então, graças à biblioteca de seu avô paterno, Aleixandre tinha lido os maiores romancistas da Espanha, mas tinha se afastado da poesia devido aos estudos obrigatórios do sistema de ensino, muito provavelmente em virtude dos (maus) professores (ALEIXANDRE, 2017). Contudo, e como bem diz a crítica literária Beatriz Sarlo (1969, p. 9), o “rubenismo de princesas e cisnes” foi dando passagem a outra forma de expressão. E Aleixandre encontrou a sua.

Vicente Aleixandre declarou ser poeta por verdadeiro acaso. Fez poesia durante muito tempo, mas a guardou. Durante oito anos escreveu e escondeu suas palavras. Guardava seus poemas por medo de receber uma crítica negativa, porque isso poderia acabar com sua necessidade de seguir escrevendo. Porém, como diz o poeta ao jornalista Baltasar Magro (2023, tradução nossa), em entrevista em 1977, pela RTVE – Radiotelevisão Espanhola: “[...] era um medo valente; se necessita coragem para decidir calar sua própria obra”¹⁵ e assim perder a razão de sua vida.

O grupo de jovens amigos ao qual pertencia tinha notícias de que Aleixandre escrevia, mas ninguém sabia o que escrevia e nem como o fazia. Como contou o poeta ao jornalista, um dia vieram buscá-lo para sair e repararam em folhas sobre a mesa. Os amigos leram suas poesias e o parabenizaram e o estimularam a publicar seus trabalhos. A partir daí, Aleixandre perdeu seu medo e deixou de escrever para si mesmo, o que para ele seria uma forma “de suicídio, por falta de destino”.

Cabe uma reflexão: o poeta, que escondia sua obra por medo à rejeição, deixou suas páginas para serem avaliadas e apreciadas pelos amigos, e é a isso que denominou, na entrevista, como sendo um “azar”. Quem sabe o próprio acaso objetivo surrealista (para voltar ao insistente tema anterior) o levou a publicar *Ámbito*, e depois *Espadas como lábios* e *La destrucción o el amor*? Nessas obras, ele “embarca na nave do surrealismo” e “suas leituras de Freud o influenciam para dar às suas imagens um irracionalismo que não esconde sua ambição de imbricar-se com tudo o que foi criado por meio do amor, que se transforma numa força desintegradora, quase de morte – espadas como lábios, amor como morte” (OCASAR, 1997, p. 99, tradução nossa).¹⁶

¹⁵ No original: “[...] era un miedo valiente; se necesita coraje para decidir callar su propia obra”.

¹⁶ No original: “[...] embarcarse en la nave del surrealismo [...]”; “[...] lecturas de Freud le influyen para prestar a sus imágenes un irracionalismo que, no obstante, no oculta su ambición de fusionarse con todo lo creado mediante el amor, que convierte en una fuerza desintegradora, casi de muerte – espadas como labios, amor como muerte”.

Guerra, exílio interior e silêncio

Gustavo Gómez Bravo (2014), ao estudar especificamente sobre o exílio interior na Espanha, chama a atenção para o fato de que a repressão, após a ascensão de Franco, funcionou como uma espécie de prolongamento da guerra, e está relacionada com a construção de um novo Estado e com a formação de uma nova sociedade. Essa repressão é o controle com que a ditadura vai alicerçar seu mando. Como diz textualmente: “Tudo isso amplia enormemente a esfera da repressão ao campo da exclusão e marginalização em uma sociedade reconstruída sobre a insígnia dos vencedores [...]” (GÓMEZ BRAVO, 2014, *e-book*, tradução nossa).¹⁷ Vale lembrar que uma parte importante da população foi presa e um número muito alto, em torno de 300 mil, se seguirmos os dados oficiais, morreu de fome, miséria e doenças (GÓMEZ BRAVO, 2014). Nesse exílio interior ao qual muitos foram forçados se produziu uma sensação de terror caótico, nas palavras do pesquisador, que perdurou durante o governo franquista.

Para Gómez Bravo (2014, *e-book*, tradução nossa):¹⁸ não foi Franco o inventor da prisão, mas certamente “[...] generalizou-a extraordinariamente. A guerra provocou um êxodo ao estrangeiro, assim como gerou o maior encarceramento na história contemporânea espanhola, fruto de uma culpabilidade sistematizada que exonerava os novos dirigentes de todos os crimes”. É importante lembrar que as primeiras medidas incluíam a obrigatoriedade de residir a até 250 quilômetros da cidade natal, máximo de locomoção possível, proibição de residência em algumas localidades rurais, bem como a proibição de acesso a Madri e Barcelona. Isso provocou uma diáspora interior, que levou muitas famílias a viverem desterradas em seu próprio país.

Os tempos difíceis que Vicente Aleixandre enfrentou durante a Guerra Civil espanhola (no período de 1936 a 1939) são detalhados por Alejandro Duque Amusco (2014), estudioso espanhol que dedicou muitos anos à pesquisa sobre o poeta. Duque Amusco (2014) confirma que Vicente Aleixandre apoiou os republicanos até os primeiros meses de 1937, quando foi preso. Após esse episódio, e depois de tentar sair do país, optou pelo silêncio. Como explica Duque Amusco (2014), Vicente Aleixandre fez um retiro forçado e se abrigou em um local fechado, com pouca luz e escassa ventilação, na casa de verão da família em Miraflores da

¹⁷ No original: “Todo ello amplía enormemente la esfera de la represión hacia el campo de la exclusión y de la marginación en una sociedad reconstruida sobre los rasgos de los vencedores [...]”.

¹⁸ No original: “[...] la generalizó de manera extraordinaria. La guerra provocó un éxodo hacia el extranjero, pero también generó el encarcelamiento más masivo en la historia contemporánea de España fruto de una culpabilidad sistematizada que exoneraba a los nuevos dirigentes de todos los crímenes”.

Serra (distante 49 quilômetros de Madri; portanto, de acordo com a nova determinação do governo) e assim conseguiu se proteger dos olhares indiscretos. Nesse local, recebeu amigos mais próximos, dignos de sua confiança, como Pablo Neruda, Delia del Carril, Miguel Hernández, Carlos Pellicer, Rafael Alberti e María Teresa León (DUQUE AMUSCO, 2014). Uma das questões quando se pensa o exílio interior de Vicente Aleixandre é o seu posicionamento político. Sempre apoiou o governo eleito em fevereiro de 1936, isto é, os republicanos, mas aparentemente foi prejudicado por seu pai, um homem de direita, católico praticante e coronel da reserva desde 1919. O pai havia sido suspenso do emprego na Companhia de Trens da Andaluzia e havia sido multado por atos contra a ordem pública, que estariam dirigidos a perturbar o funcionamento das instituições do Estado. Aliás, como relata Duque Amusco (2014), acompanhar seu pai à missa pode ter feito do poeta um suspeito ou um simpatizante do bando nacional (e, ainda, pela idade, suspeito também de ir para a frente de batalha). Há uma hipótese de que tenha sido descoberto um uniforme militar em uma propriedade da família (que seria antigo e de seu pai) e que isso tenha levantado mais dúvidas quanto à sua posição política.

A poesia, lembra Duque Amusco (2014), é uma janela aberta ao ser moral do autor. As duas obras que tinha escrito, *Pasión de la tierra* e *Espadas como labios*, deixam claro que Vicente Aleixandre rejeitava os códigos de conduta sociais e a sociedade burguesa, ao atacar constantemente o que ela representava. Nesse sentido, “[...] seu ‘ideário’ tem por eixo a liberdade, entendida de modo gozoso e sem censuras morais, defensora do eros primordial, da paixão (mesmo que às vezes leve à destruição) fora de normas e convencionalismos [...]” (DUQUE AMUSCO, 2014, p. 53, tradução nossa).¹⁹

Além disso, tinha colaborado com revistas e jornais que defendiam as causas populares, tais como: *La voz*, *Hora de España*, *El mono azul*, *Ahora*, *Les poètes du monde*, *Unión de escritores y artistas revolucionários*, *Mundo obrero*, entre outras publicações (DUQUE AMUSCO, 2014). Inclusive, quando soube do assassinato de Federico García Lorca publicou um texto sobre o poeta, no qual destacava sua categoria e o que ele representou para a Espanha. Como declarou depois, em entrevista, “[...] era o máximo em potência da presença humana” (ALEIXANDRE, 2023b, tradução nossa).²⁰ Ainda, destacamos o poema “Ode às crianças mortas em Madri pela metralha”, de 62 versos, publicado em 17 de janeiro de 1937

¹⁹ No original: “[...] su ‘ideario’ tiene por eje la libertad, entendida ésta de modo gozoso y sin censuras morales, defensora del eros primordial, de la pasión (aunque conduzca a veces a la destrucción) fuera de normas y convencionalismos. Es una libertad que entronca con ciertos mitos culturales del romanticismo [...]”.

²⁰ No original: “[...] era lo máximo en potencia de la presencia humana”.

no periódico *Ahora* e somente agora recuperado. Transcrevemos um trecho, a partir do registro de Antonio Fernández Ferrer (1981, p. 179, tradução nossa),²¹ no *Bulletin Hispanique*:

Veem-se pobres mulheres que correm pelas ruas
como vultos ou espanto pela névoa.
As casas rotas, salpicadas de sangue;
os quartos onde um grito ficou tremendo [...].
Pelas janelas espirrou sangue.
Quem viu, quem viu um bracinho
sair quebrado na noite
com luz de sangue ou estrela apunhalada?
Quem viu o sangue criança
em mil gotas gritando:
crime, crime!
Levantado aos céus
como um punho imenso, clamoroso?
Rostos pequenos, as bochechas, os peitos,
o inocente ventre que respira:
a metralha os procura,
a metralha, a súbita serpente,
morte estrelada para seu martírio.
Rios de crianças mortas vão buscando
um destino final, um mundo alto.
Sob a luz da lua viram-se
as hediondas aves da morte:
aviões, motores, abutres escuros cujas penas encerram
a destruição da carne que palpita,
a horrível morte a pedaços que palpitam e essa voz das vítimas,
quebrada pelas gargantas, que surge na cidade como um gemido.
Todos a escutamos.
As crianças gritaram.

Duque Amusco (2014) registra que Aleixandre fez denúncias em sua poesia e também participou de reuniões, assinou petições, lutou para criar um selo editorial que educasse os jovens republicanos, assinou a Carta de Intelectuais Antifascistas, condenou as crueldades, colaborou economicamente com os milicianos da coluna Torres-Benedito, sob controle, em outubro de 1936, da Confederação Nacional do Trabalho de Valência. Mas, a partir de abril de 1937, quando se preparava para participar do II Congresso Internacional de Escritores Antifascistas, teve um problema de saúde e não compareceu, deixando, também, de colaborar com a causa.

²¹ No original: “Se ven pobres mujeres que corren en las calles/ como bultos o espanto entre la niebla./ Las casas contraídas, las casas rotas, salpicadas de sangre./ las habitaciones donde un grito quedó temblando./ Por las ventanas salpicó la sangre./ ¿Quién vio, quién vio un bracito salir roto en la noche con luz de sangre o estrella apunhalada ? ¿ Quién vio la sangre niña en mil gotas gritando:/ ¡crimen, crimen!./ alzada hasta los cielos/ como un puñito inmenso, clamoroso?/ Rostros pequeños, las mejillas, los pechos,/ el inocente vientre que respira:/ la metralla los busca,/ la metralla, la súbita serpiente./ muerte estrelada para su martirio./ Ríos de niños muertos van buscando/ un destino final, un mundo alto./ Bajo la luz de la luna se vieron/ las hediondas aves de la muerte:/ aviones, motores, buitres oscuros cuyo plumaje encierra/ la destrucción de la carne que late,/ la horrible muerte a pedazos que palpitan y esa voz de las víctimas,/ rota por las gargantas, que irrumpe en la ciudad como un gemido./ Todos la oímos./ Los niños han gritado”.

Depois desses desajustes da guerra, os comandados por Franco triunfaram. Sabendo disso, e já aparentemente adoecido, Aleixandre resolveu tentar viajar ao sul da França. Como bem acrescenta Duque Amusco (2014, p. 61, tradução nossa):²² “Apesar do relatório médico aconselhar a retirada do enfermo, e das cartas de apoio apresentadas pela Casa do Povo de Valência, por Dámaso Alonso, Luis Cernuda e María Zambrano, a permissão para sair da Espanha lhe foi negada”. O indeferimento de saída se deve a um fato curioso: um médico militar, e não o médico da família, deveria autorizar o traslado, já que Vicente Aleixandre ainda estava em idade militar. Ao ser impedido de exilar-se, configurava-se o exílio interior do poeta. Sobre a veracidade ou não de suas doenças, ainda há controvérsias. É importante ressaltar que:

[...] quando acaba a guerra e reinicia a sua vida, [o poeta] toma uma decisão categórica: renunciar a todo tipo de atividade pública como rechaço ao regime franquista. Sua forma de dissidência foi se mostrar permanentemente como um doente, porém mais como um *malade imaginaire* do que como um doente que inspirasse cuidados [...]. (DUQUE AMUSCO, 2014, p. 62, tradução nossa)²³

O pesquisador espanhol vai mais fundo e afirma que Vicente Aleixandre teve, sim, problemas de saúde durante sua vida, mas o mais sério de todos, a saber, a extirpação de um dos rins, devido a sequelas de uma tuberculose, havia sido resolvido. Esse foi o motivo médico alegado em sua tentativa de sair da Espanha, assim como desculpa para rejeitar qualquer convite do governo franquista. Dessa forma: “Sua figura de homem doente teve muito de deliberada oposição. Sua dissidência foi esta: o afastamento de toda atividade pública oficial como forma de salvaguardar sua independência, como intelectual e como poeta” (DUQUE AMUSCO, 2014, p. 63, tradução nossa)²⁴.

Certo é que podemos perceber que foram anos muito difíceis para a Espanha. Pablo Rojas Sánchez (2005) realizou um estudo sobre o epistolário entre Aleixandre e o ceramista Emilio Niveiro, entre os anos de 1939 e 1960. A primeira carta mostra a instabilidade em que vivia o poeta logo depois da vitória franquista, na qual se submete, inclusive, a registrar uma saudação da época, ao fazer referência ao “Ano da Vitória”. Mas é nas entrelinhas que conseguimos perceber o quanto está afastado e recluso:

²² No original: “Pese al informe médico que aconsejaba la evacuación del enfermo y las cartas de apoyo presentadas desde la Casa del Pueblo de Valencia por Dámaso Alonso, Luis Cernuda y María Zambrano, el permiso para salir de España le fue denegado”.

²³ No original: “[...] cuando acaba la guerra y reinicia su vida, toma una determinación tajante: la de renunciar a todo tipo de actividad pública como rechazo al régimen franquista. Su forma de disidencia fue la de mostrarse permanentemente como un enfermo, más como que como enfermo de *malade imaginaire* consideración [...]”.

²⁴ No original: “Su retracción de hombre enfermo tuvo mucho de deliberada oposición. Su disidencia fue esa: el retraimiento de toda actividad pública oficial como manera de salvaguardar su independencia, como intelectual y como poeta”.

Miraflores, 7 agosto, 1939

Ano da Vitória

[...]

Mas nenhum de vocês estava lá. Você aí em Madri [...] certamente, no trem ou em algum lugar parecido, ou com seu tio, ou não sei onde. Ele, Cayetano, em Salamanca, às margens do Tormes, onde o imagino entre álamos brancos, ouvindo o farfalhar da espuma do rio, rodeado de náiades invisíveis renascentistas, na sua solidão de poeta silencioso. (ROJAS SÁNCHEZ, 2005, p. 309, tradução nossa)²⁵

Na tentativa de angariar conhecimento para transitar em um novo país, destroçado pela divisão, a epístola de Aleixandre assume um caráter literário, desvelado em uma linguagem apurada e tecida atentamente a cada linha. Não temos as respostas do destinatário, mas percebemos a construção de um discurso que está a serviço de uma negociação, por vezes, desesperada e aflita, para que esse intermediário (o sujeito que recebeu a carta) se associe e forme uma aliança indissolúvel a favor de sua causa. O “eu” de Vicente Aleixandre não quer talvez ser literário, mas se vale de argumentos narrativos que, de certa forma, propõem um caráter ficcional à sua escrita. E bem vemos na segunda carta, na voz de Aleixandre, datada em 27 de agosto de 1939:

Como foi a colheita [...]? Abundância? Escassez? Que pena não ter influência com a deusa Pomona ou com a mãe Ceres, para que a terra mais rica tivesse o recebido com um mar desenfreado de espigas, grossas e profundas, capaz de afogá-lo em ouro trigueiro e enlouquecendo [exclusão ilegível] de entusiasmo. Mas você não é nada mais do que um mísero mortal, e é preciso limitar-se [riscado] a desejar, desejar sempre e expressar desejos tão bons e estéreis. De qualquer forma, Emilito, conte-me como foram as coisas para você e se a realidade te consolou um pouco das poucas esperanças depositadas naquele mar de trigo. Diga-me se finalmente foi o mar ou um modesto riacho. (ROJAS SÁNCHEZ, 2005, p. 311-2, tradução nossa)²⁶

A pesquisadora Concha Zardoya (1987) estudou o extenso epistolário de Vicente Aleixandre e, a partir das suas leituras, chegou à conclusão de que o poeta possuía uma cortesia e uma sensibilidade singular. Em suas palavras: “Cada carta que recebia, lhe parecia – se não uma chamada – um presente da parte de quem havia escrito, e se sentia com obrigação moral de respondê-la” (ZARDOYA, 1987, p. 111, tradução nossa).²⁷ É na leitura das cartas, segundo ela, que vemos frente a frente “[...] o poeta – leitor, viajante, homem sofredor – que

²⁵ No original: “Miraflores, 7 agosto 1939. Año de la Victoria. [...] Pero no estabais ninguno de los dos. Tú ahí en [...] Madrid seguramente, en el tren o en sitio semejante, o con tu tío, o qué sé yo dónde; él, Cayetano, en Salamanca, orillas del Tormes, donde me lo figuro entre álamos blancas, escuchando el crujir de la espuma del río, rodeado de invisibles náyades renacentistas, en su soledad de poeta silencioso”.

²⁶ No original: “Cómo ha ido es [...] siega? ¿Abundancia? ¿Escasez? Qué lástima no tener influencia con la diosa Pomona o la madre Ceres, para que la tierra ubérrima te hubiera recibido con un alborotado mar de espigas, espeso y profundo, capaz de anegarte en oro trigueño y de volverte loco de [tachadura ilegible] entusiasmo. Pero no es uno más que un mísero mortal, y tiene que limitarse [tachado: a] uno a desear, a desear siempre y a expresar tan buenos y tan estériles deseos. En fin, Emilito, que ya me dirás cómo te ha ido por allá y si la realidad te ha consolado un poco de las pocas esperanzas puestas en ese mar de trigo. Dime si al fin fue mar o fue un modesto arroyo”.

²⁷ No original: “Cada carta que recibía, le parecía –si no una llamada– un don de parte de quien la había escrito, y se sentía con la obligación moral de responderla”.

sempre mostra suas preocupações físicas e espirituais [...]” (ZARDOYA, 1987, p. 111, tradução nossa).²⁸ A pesquisadora afirma ainda que na correspondência encontramos a opinião de Aleixandre sobre sua própria dor, o amor, sua obra e poesia, a criação, a amizade, as relações entre vida e morte, a natureza e a juventude.

Duque Amusco (2014, p. 63, tradução nossa)²⁹ completa afirmando que, ao permanecer na Espanha, mantendo vivo o espírito de liberdade e tolerância no qual tinha se formado o Grupo de 27, “[...] se converteu no ponto de referência mais visível de uma história que para muitos estava longe de ter finalizado”. Nesse exílio interior, o poeta “[...] não representava o passado, mas sim o presente daquele passado, sua salvadora sobrevivência. Era a continuidade de uma Espanha que, apesar de tudo, tinha sobrevivido” (DUQUE AMUSCO, 2014, p. 63, tradução nossa).³⁰ Para tanto, devemos considerar o fato de que a Vicente Aleixandre não foi dada a oportunidade de um exílio voluntário, como foi o caso de tantos outros indivíduos. Assim:

[...] se transformou, no caso de Vicente Aleixandre, em um *exílio interior* forçoso, obrigatório [...]. A sequência cronológica para entender bem os acontecimentos segue essa linha temporal: detenção em fevereiro ou março de 1937; relatório médico para a saída, em outubro do mesmo ano; trâmites no Ministério de Instrução Pública, em fevereiro/abril de 1938; e recusa da solicitação em 12 de abril de 1938. (DUQUE AMUSCO, 2014, p. 61, tradução nossa, grifos do autor)³¹

Certo que Vicente Aleixandre sobreviveu a muitas guerras. Como disse Kristeva (1994, p. 33): “A estranheza do europeu começa pelo seu exílio interior”. Hannah Arendt (2008, p. 29), ao lembrar o Holocausto, afirma que: “Não podemos dominar o passado mais do que desfazê-lo. Mas podemos nos reconciliar com ele. A forma para tal é o lamento, que brota de toda a recordação”. A forma de aproximar-se de um “domínio” do passado seria, portanto, o relato do que aconteceu. E isso podemos ver na própria criação literária de Vicente Aleixandre. Ou seja, “enquanto o sentido dos acontecimentos permanecer vivo – e esse sentido pode persistir por longuíssimos períodos de tempo –, o ‘domínio do passado’ pode assumir a forma da narração sempre repetida” (ARENDRT, 2008, p. 30).

²⁸ No original: “[...] al poeta –lector, viajero, hombre sufriente– que siempre desvela sus preocupaciones físicas y espirituales [...]”

²⁹ No original: “[...] se convirtió en el punto de referencia más visible de una historia que para muchos estaba lejos de haber concluido”.

³⁰ No original: “[...] representaba no el pasado sino el presente de aquel pasado, su salvadora pervivencia. Era la continuidad de una España que, pese a todo, había sobrevivido”.

³¹ No original: “[...] se convirtió en el caso de Vicente Aleixandre en un *exilio interior* forzoso, obligado, al negarle las autoridades de la República, por los motivos ya expuestos, el permiso para viajar al extranjero. La secuencia cronológica para entender bien los acontecimientos sigue esta línea temporal: detención en febrero o marzo de 1937; informe médico para la evacuación, en octubre del mismo año; trámites ante el Ministerio de Instrucción Pública, en febrero-abril del 38; y rechazo de su solicitud, el 12 de abril del 38”.

Considerações finais

A dor, a melancolia, a consciência da morte e as dificuldades em viver em uma Espanha dilacerada pela Guerra civil são temas que também estão na obra alexandrina. O exílio interior é real. Para Edward Said (2003, p. 46), o exílio é uma experiência terrificante, que se torna uma constante no pensamento do desgarrado, “[...] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”. Com essa ruptura da pátria, a vida do exilado seria ocupada por um mundo recriado. Nesse sentido, o “[...] novo mundo do exilado é logicamente artificial e sua realidade se parece com a ficção” (SAID, 2003, p. 54). No caso de Alexandre, a escrita e a memória da qual se serve para comunicar-se com um universo do qual já não pertence se tornam suas aliadas na busca de um entendimento maior de sua existência.

Vicente Alexandre nunca parou de escrever. Quando alguns acadêmicos propuseram seu nome, em 1973, não aceitou a indicação ao Prêmio Nobel para não dever nada ao Regime, negando-se, inclusive, para não ser vinculado à Ditadura, a qualquer homenagem oficial. O Nobel viria em 1977 – tendo Franco falecido em 1975. Portanto, nada ficou devendo, nem dele se aproveitaram os usurpadores. Vicente Alexandre conseguiu vencer o encarceramento cultural, histórico e cultural em uma Espanha refém da ditadura e sobrevive, para a nossa sorte e deleite, até hoje.

Referências

- ALBINO, Geraldo José. Introdução. In: OVÍDIO. *Cartas pônticas*. Introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ALEIXANDRE, Vicente. *Vicente Alexandre galardonado con el Premio Nobel de Literatura (1977)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mf8hWYeJfU>. Acesso em: 10 set. 2023a.
- ALEIXANDRE, Vicente. *Vicente Alexandre habla sobre García Lorca*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rW2DmWQIZ3M>. Acesso em: 5 set. 2023b.
- ALEIXANDRE, Vicente. *Visitar todos los cielos*. Cartas a Gregorio Prieto (1924-1981). Victor Fernández (ed.). Santander: Fundación Banco Santander, 2020. [Cuadernos de obra fundamental] [e-book].
- ALEIXANDRE, Vicente. *Poesías completas*. Alejandro Sanz (ed.). Barcelona: Lumen, 2017.
- ALEIXANDRE, Vicente. *Antología total*. Seleção, prólogo e comentários de Pere Gimferrer. Barcelona: Seix Barral, 1989.
- ALEIXANDRE, Vicente. *Historia del corazón*. Madri: Espasa-Calpe, 1977.
- ALEIXANDRE, Vicente. *Poesía surrealista*. Antología. Barcelona: Seix Barral, 1970.
- ALEIXANDRE, Vicente. *Poesías completas*. Madri: Aguilar, 1960.
- ALEIXANDRE, Vicente. *Mis mejores poemas*. Dámaso Alonso (ed.). Madri: Gredos, 1956.
- ALLENDE, Isabel. *Mi país inventado*. Barcelona: Debolsillo, 2004.

- ARENDE, Hanna. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AUB, Max. *Manual de historia de la literatura española*. Madri: Akal, 1974.
- BRETON, André. *Manifestos do surrealismo*. Tradução de Sérgio Pachá. Rio de Janeiro: Nau, 2001.
- CASTIGLIONI, Ruben D. Méndez. Prólogo. In: ALEIXANDRE, Vicente. *A destruição ou o amor*. Tradução de Pedro Gonzaga. Porto Alegre: Isto Edições, 2023.
- CESARINY DE VASCONCELOS, Mário. *A intervenção surrealista*. Lisboa: Ulisseia, 1967.
- DUQUE AMUSCO, Alejandro. Razones para um “exílio interior”. Vicente Aleixandre y la Guerra Civil Española. *Philologica Canariensis*. Revista de Filología de la Universidad de las Palmas de Gran Canaria, Las Palmas de Gran Canaria: Facultad de Filología de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, n. 20, p. 51-71, 2014.
- ÉSQUILO. As suplicantes. In: ÉSQUILO. *Teatro completo*. Tradução de Virgílio Martinho. Lisboa: Estampa, 1975.
- FERNÁNDEZ FERRER, Antonio. Un poema olvidado de Vicente Aleixandre: “Oda a los niños de Madrid muertos por la metralla”. *Bulletin Hispanique*, Université Michel de Montaigne (Bordeaux 3), v. 83, n. 1-2, p. 175-80, 1981.
- GÓMEZ BRAVO, Gutmaro. *El exilio interior*. Cárcel y represión en la España franquista (1939-1950). Barcelona: Taurus, 2014. [e-book]
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: 34, 2014.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LORENZ, Günter W. *Diálogo com América Latina*. Panorama de uma literatura do futuro. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U., 1973.
- LUIS, Leopoldo de. *Vida y obra de Vicente Aleixandre*. Madri: Espasa-Calpe, 1978.
- MAGRO, Baltasar. Entrevista a Vicente Aleixandre. Disponível em: <https://www.rtve.es/play/videos/informe-semanal/entrevista-vicente-aleixandre-1977/1270447/>. Acesso em: 29 set. 2023.
- OCASAR, José Luis. *Literatura española contemporánea*. Madri: Edinumen, 1997.
- OVÍDIO. *Cartas pônticas*. Introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- PARIENTE, Ángel. *Antología de la poesía surrealista en lengua española*. Madri: Júcar, 1985.
- PLATAS, Ana María. *Diccionario de términos literarios*. Madri: Espasa, 2004.
- PONGE, Robert. *O surrealismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.
- ROJAS Sánchez, Pablo. Epistolario talaverano, cartas de Vicente Aleixandre al ceramista Emilio Niveiro. *Revista Centro Asociado a la UNED Ciudad de la Cerámica*, Alcalibe, n. 5, p. 297-342, 2005.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SARLO, Beatriz. *Martín Fierro (1924-1927) – Antología y Prólogo*. Buenos Aires: Carlos Pérez, 1969.
- ZARDOYA, Concha. Un epistolario de Vicente Aleixandre. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Espanha, n. 442, p. 111-9, 1987.

Recebido em: 15/10/2023; **Aceito em:** 10/12/2023.